

BB Digital – A crueldade escondida atrás do biombo

O Banco do Brasil promove, sem diálogo com os funcionários e as entidades sindicais, uma profunda alteração no funcionamento das agências e na organização do trabalho. Parte dos gerentes de relacionamento, assistentes e funcionários, que sempre foram fundamentais para sedimentar os laços de confiança dos clientes com o banco, agora estão se tornando operadores de telemarketing nos escritórios digitais. Os que sobraram ficam desesperados à procura de uma vaga comissionada para não serem condenados à redução de salário.

São muitos os problemas derivados das iniciativas adotadas desde o ano passado, com a implantação de escritórios digitais: sobrecarga de trabalho, perda de comissões, criação dos games que estimulam a competição e cobrança entre os funcionários.

Segundo João Fukunaga, integrante da Comissão de Empresa dos Funcionários do BB e diretor executivo do Seeb-SP, na cidade de São Paulo – onde o processo de migração para as agências digitais está mais avançado – diversos problemas já aparecem. “De início, alguns gostaram das mudanças por ficarem apartados dos clientes, mas agora alguns procuram o Sindicato para reclamar”, explica Fukunaga.

Para os funcionários aumentaram as dificuldades em cumprir as metas, pois não há mais relação pessoal com os clientes. Os relatos são de que eles (funcionários), passam o tempo todo pendurados ao telefone, em chats e teleconferências, atividades muito desgastantes, e perdem contas pela dificuldade em realizar os serviços pedidos pelo cliente.

Nas agências “fluxo” que servem ao atendimento presencial e serviços operacionais do cliente, as dificuldades também aumentaram: faltam funcionários, a qualidade do atendimento caiu porque aumentou a sobrecarga de trabalho e as condições são precárias. Além disso, o resultado do esforço fica com o escritório digital, e não com a agência. O processo de “migração digital” segue acelerado na capital e nas demais superintendências do interior.



Ruim para o funcionário, ruim para o cliente

Funcionários têm a sensação de abandonados pelo banco, muitos perderam o cargo e estão desesperados com a redução de salários.

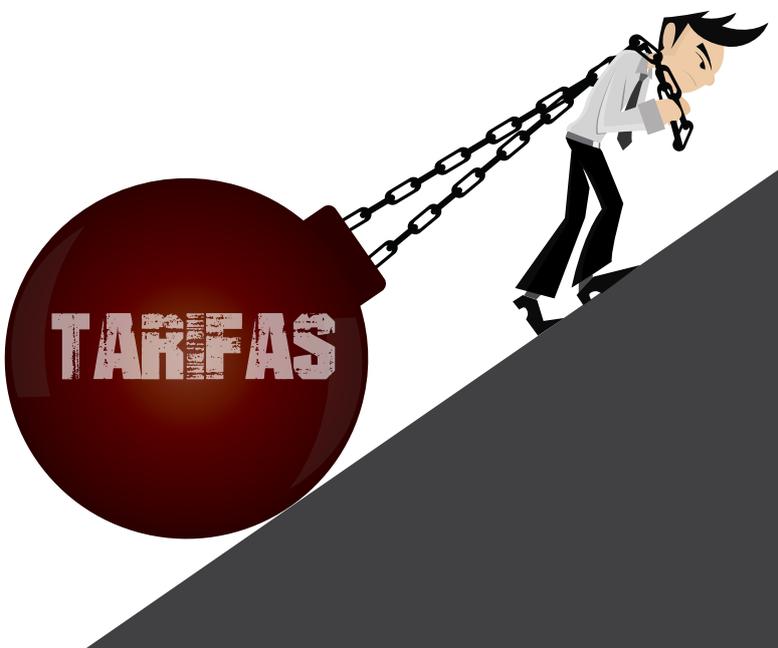
Distantes dos seus gerentes, clientes começam a fechar sua conta no banco porque não têm com quem falar para resolver problemas. A sensação é que o BB pretende reduzir sua participação no mercado, como se fosse algo deliberado para abrir espaço para a concorrência privada. Para explorar ainda mais os

funcionários, o banco implantou games nos celulares corporativos, onde todos podem ver o desempenho de seus colegas e cobram. O BB incentiva a competição e a cobrança entre os funcionários, fazendo cada um ser capataz dos outros e de si mesmo.

Estas situações absurdas são combatidas pelos sindicatos. Denuncie, participe, dialogue com seus colegas. Precisamos resistir e impedir a precarização do trabalho e o desmonte do Banco do Brasil.

Lucro do BB atinge R\$ 5,2 bilhões no 1º semestre

Banco cobra mais tarifas, arrocha funcionários e reduz provisões.



O lucro do BB no primeiro semestre de 2017 foi de R\$ 5,2 bilhões, 67,1% maior que o de igual período de 2016. A rentabilidade ajustada subiu de 6,6% para 10,4%.

O que parece ser uma boa notícia para os funcionários, com aumento no valor da PLR, mostra o outro lado da política do banco. Redução de participação no mer-

cado, corte de funcionários, fechamento de agências, aumento na cobrança de tarifas, concentração dos ativos em fundos administrados e redução das operações de crédito. O banco reduziu as provisões para devedores duvidosos em R\$ 1,62 bilhão, item que teve maior interferência no resultado.

Banco perde espaço no mercado de crédito

A carteira de crédito ampliada caiu 7,6%, de R\$ 677 bilhões para R\$ 624 bilhões – queda de 15,4% nos empréstimos a pessoas jurídicas e de 2% às pessoas físicas. A carteira de crédito imobiliário cresceu 8%, montante irrisório se comparado com o aumento de 78% em 2013. No ano de 2016, por ordem do governo federal, o BB cortou recursos para as menores faixas de renda e para as cooperativas habitacionais, fruto da diminuição do montante destinado ao programa Minha Casa, Minha Vida, importante instrumento de geração de emprego, renda e desenvolvimento social.

O BB diminui sua inserção no mercado e encerra o ciclo de expansão da carteira de crédito, iniciada em 2008, que foi fundamental para fazer a economia crescer. O BB manteve as menores taxas

de inadimplência do sistema financeiro, sobretudo no segmento de empresas de pequeno e médio porte. O BB esvazia sua atuação como banco público e acelera seu desmonte.

O saldo de fundos administrados saltou de R\$ 668 bilhões para R\$ 816 bilhões, enquanto o banco aumentou suas taxas de juros.

Para Antonio Sabóia, secretário de Bancos Federais da Federação dos Bancários da CUT de São Paulo (FETEC-CUT/SP), a mudança na política do banco é clara. “O BB empresta menos à atividade produtiva, não financia o crescimento econômico, reduz o incentivo à geração de emprego e renda e concentra ativos em fundos que financiam a dívida pública. O banco colabora com a estagnação da economia”, comenta o dirigente.

Menos funcionários, mais exploração

As despesas de pessoal caíram 2,6% no período, consequência do corte de 10.012 funcionários e 3.257 estagiários. Outras despesas administrativas caíram 1,8%, resultado do fechamento de 543 agências.

Neste período, o banco aumentou sua base de clientes em 1,38 milhões. A sobrecarga de trabalho aumentou. Em junho de 2016 cada funcionário cuidava em média de 440 contas correntes e um ano depois

já cuida de 564. O banco demite funcionários, descomissiona, aumenta a sobrecarga de trabalho, fecha agências.

Em compensação, as receitas de tarifas cresceram 10% entre os dois semestres, chegaram a R\$ 12,4 bilhões e cobrem 130% das despesas de pessoal. O banco onera os clientes, piora as condições de trabalho e deixa clientes descontentes pelo atendimento mais precário.

Contra o desmonte do banco

os resultados do primeiro semestre confirmam que a política de Temer para o BB é o desmonte, a redução de seu papel de banco público incentivador da economia e a perda de espaço para os concorrentes privados. “É preciso o envolvimento de todos os funcionários, com seus sindicatos e organizações sociais e empresariais para defender o fortalecimento do banco como instituição pública, indispensável para o desenvolvimento do país”, conclui Sabóia.